

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Giulia Kirchmeyer Vianelo Nogueira

**ETNOGRAFIA DO 3º ENCONTRO DE MULHERES DA AMÉRICA LATINA E CARIBE**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientadora: Elizabeth de Paula Pissolato

Juiz de Fora  
2025

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Giulia Kirchmeyer Vianelo Nogueira**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202172026A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Etnografia do 3º Encontro de Mulheres da América Latina e do Caribe**, desenvolvido durante o período de 01 de junho de 2023 a 11 de março de 2025 sob a orientação de Elizabeth de Paula Pissolato, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 11 de março de 2025.

---

**Giulia Kirchmeyer Vianelo Nogueira**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( x ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas

# ETNOGRAFIA DO 3º ENCONTRO DE MULHERES DA AMÉRICA LATINA E CARIBE

Giulia Kirchmeyer Vianelo Nogueira<sup>1</sup>

## RESUMO

Esta etnografia tem como objetivo descrever os principais acontecimentos e aspectos do 3º Encontro de Mulheres da América Latina e Caribe. Busca através da observação participante, registros fotográficos e do caderno de campo, descrever os principais acontecimentos, percepções e debates presentes nos três dias do 3º Encontro de Mulheres da América Latina e do Caribe. Além disso, apontar quais são os principais desafios das mulheres no continente, impostos pelo capitalismo, pelo avanço do fascismo e pelo imperialismo nos países latino americanos e caribenhos. O encontro possui como objetivo fomentar as trocas de experiências e conhecimentos entre as mulheres de diferentes países presentes no encontro, a fim de construir debates acerca de suas situações políticas, econômicas, sociais, suas diferentes formas de luta e organização do movimento feminista em seus territórios e o fortalecimento da relação entre os povos. A etnografia visa traçar as próximas lutas feministas na América Latina e Caribe, fazer a apresentação do debate em torno do grupo temático sobre violência contra a mulher e analisar a importância desse encontro para a luta das mulheres latino americanas e caribenhas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo. Socialismo. Emancipação. Soberania. Movimentos sociais.

## 1. INTRODUÇÃO

Inicialmente, o tema deste trabalho surgiu da vontade em fazer do 3º Encontro de Mulheres da América Latina e do Caribe (3EMALyC), meu objeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Com a ajuda da minha orientadora Elizabeth Pissolato, decidi me arriscar numa experiência antropológica e escrever uma etnografia sobre o encontro. O encontro é um evento organizado por movimentos feministas marxistas da América Latina e do Caribe que de três em três anos se reúnem para debaterem suas realidades, compartilhar conhecimentos, lutas, e planejar uma agenda unificada de mobilizações pelos direitos das mulheres anti-imperialistas, antifascistas e anticapitalistas. Ao final do encontro sorteia-se um país para sediar o próximo Encontro de Mulheres da América Latina e do Caribe.

Em 2018, no Segundo Encontro de Mulheres da América Latina e Caribe, em Quito, Equador, o Movimento de Mulheres Olga Benario, foi escolhido para ficar responsável pela construção do 3EMALyC, no Brasil, em 2021. Porém com a pandemia de coronavírus (2020-2021) o evento precisou ser adiado para 2023. Durante esses anos as lutas feministas pelos direitos reprodutivos, contra a violência sexista contra as mulheres e o feminicídio, continuaram. As mulheres estavam na vanguarda das lutas sociais que eclodiram antes e durante a pandemia, na América Latina e no mundo. Como foi no caso dos protestos no Chile, da greve na Colômbia, dos protestos no Peru, do “Black Lives Matter” nos Estados Unidos e na Palestina<sup>2</sup>.

Nesse contexto, o 3EMALyC, aconteceu nos dias 21, 22 e 23 de julho de 2023, na Universidade Federal de Brasília, Brasil. Contou com a participação de 11 países (Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, El Salvador, México, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela) e várias mulheres de diversas idades, negras, trabalhadoras urbanas e rurais, estudantes, mulheres com deficiência, desempregadas, artistas, trabalhadoras autônomas, intelectuais, indígenas, LBTs e quilombolas. Unidas sob o lema: “Pelos direitos das mulheres e por uma América Latina e Caribe soberanos. Não à intervenção imperialista”.

Busquei durante esses três dias de Encontro de Mulheres da América Latina e Caribe registrar o máximo possível de fotos, vídeos, áudios e anotações para me ajudar durante o processo de escrita da parte etnográfica do trabalho. Foram três dias muito corridos, tive que abrir mão de algumas coisas que havia planejado fazer durante a viagem, mas não tive tempo, como no caso das entrevistas. Portanto, me baseei mais no modo da observação participante para fazer a descrição etnográfica do 3EMALyC, estando na mesma posição das mulheres as quais eu quis pesquisar, já que faço parte do MMOB e sou uma feminista marxista.

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: giulia.nogueira@estudante.ufff.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Elizabeth de Paula Pissolato.

<sup>2</sup> MARTIN, Jorge. **A América Latina entre a pandemia e a crise capitalista**. Organização Comunista Internacionalista, 2021. Disponível em: <<https://marxismo.org.br/america-latina-entre-a-pandemia-e-a-crise-capitalista/>>. Acesso em: 13 de mar. 2025.

Inspirada por Gilberto Velho (1978), procurei relativizar o “familiar”, sobretudo me questionando sobre o que eu já sabia sobre a vida das mulheres que participam do MMOB e das outras mulheres que estavam presentes. O MMOB, surgiu a partir da formação da delegação brasileira à 1ª Conferência Mundial de Mulheres de Base, em Caracas, Venezuela, em março de 2011. A princípio eram 21 representantes pertencentes de oito estados brasileiros: Pará, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Com os anos, o Olga, foi crescendo cada vez mais, seguindo o propósito de organizar todas as mulheres trabalhadoras, da cidade e do campo, indígenas, negras, quilombolas, sindicalistas, donas de casa, LBTs, jovens, idosas e mulheres com deficiência para lutarem pelos seus direitos e para acabar com o injusto sistema patriarcal/capitalista (Cartilha do Movimento de Mulheres Olga Benario, 2021, p.4).

O movimento se organiza coletivamente e possui uma estrutura de organização que vai da Coordenação Nacional aos núcleos de base. Os núcleos são a parte fundamental para o funcionamento do movimento, pois eles são o local onde as mulheres se reúnem, com uma periodicidade determinada pelo grupo, para discutirem a política do movimento, suas tarefas práticas e estudam temas relativos à luta das mulheres e a teoria do marxismo e do feminismo marxista (Cartilha do Movimento de Mulheres Olga Benario, 2017, p.25). A organização desses núcleos se dá por bairros, por escola, por categoria, por universidade, etc. Todo núcleo possui uma coordenadora e toda militante do Olga precisa estar organizada em um núcleo.

Hoje, o movimento está presente em todas as regiões do país, desenvolvendo diversas lutas específicas e políticas, denunciando a exploração da população feminina, especialmente, da parcela mais empobrecida. Em Juiz de Fora, seu surgimento ocorreu em 2016, por meio de estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E desde 2021, faço parte do MMOB, participando como militante do movimento nas reuniões e ajudando a construir a luta das mulheres na cidade. Em 2023, com o fim da pandemia, houve a necessidade da materialização desse 3EMALyC. Com isso, fui indicada para fazer parte da delegação mineira de mulheres e então aproveitei essa oportunidade para escrever esta etnografia, vivenciando assim pela primeira vez uma experiência de um grandioso encontro feminista transnacional.

### 3. A ETNOGRAFIA

O 3º Encontro de Mulheres da América Latina e Caribe organizado pelo Movimento de Mulheres Olga Benario (MMOB) entre 21 e 23 de julho, na Universidade de Brasília, reuniu mais de mil mulheres de 11 países e contou com o apoio principalmente da coordenadora das Mulheres da Secretaria de Direitos Humanos (Codim/SDH) da UnB, Roberta Cantarela. O evento conta com um Comitê Organizacional Internacional que coordena os encontros sob uma nova forma de liderança, onde todas as mulheres membros do comitê são lideranças iguais, todas são lutadoras sociais pelos direitos das mulheres, na horizontalidade, permitindo que a democracia das mulheres se expressem nos encontros.

Os encontros são de caráter financeiro autônomo, ou seja, a organização do encontro não depende financeiramente de nenhuma empresa privada, nem de governos, nem de nenhuma potência estrangeira. Cada centavo, vão se construindo as bases materiais, logísticas, políticas e ideológicas para que sejam feitos os encontros, desde a base, indo nos bairros, nas casas e nas fábricas. Neste sentido, para garantir a diversidade das delegações, hospedagem, alimentação, creche e transporte à todas as delegadas, o MMOB contou com uma vaquinha virtual<sup>3</sup> e doações para custear a participação das mulheres de baixa renda que não teriam condições de arcar com as despesas de passagens e diárias. A inscrição do encontro era aberta ao público e poderia ser realizada através do contato com a coordenação do Movimento Olga de cada estado, pelo e-mail: [encontrodemulheres2023@gmail.com](mailto:encontrodemulheres2023@gmail.com) ou por mensagem direta no Instagram do MMOB<sup>4</sup>. O valor da taxa de participação era de \$250 reais (inclusive alojamento e alimentação durante os três dias). E no meu caso o movimento conseguiu custear a minha taxa de inscrição já que eu não tinha como pagar o valor da minha taxa de inscrição.

Esta etnografia se inicia na manhã do dia 20 de julho de 2023 quando encontrei as camaradas Paolla, Júlia e Mariana, no centro da cidade de Juiz de Fora para pegarmos nosso ônibus à Brasília. Do centro, fomos até o Graal da BR040 e pegamos o ônibus que estava vindo do Rio de Janeiro com a delegação de lá, pois era

<sup>3</sup> Vaquinha do 3EMALyC. Disponível em: <<https://www.vakinha.com.br/vaquinha/ajude-a-realizar-o-3-encontro-internacional-de-mulheres>>. Acesso em: 16 de mar. 2025.

<sup>4</sup> Página inicial do Instagram do MMOB. Disponível em: <<https://www.instagram.com/movimentoolga/>>. Acesso: 16 de mar. 2025.

caminho deles. Foram cerca de 17h de viagem até a chegada ao nosso destino, no dia 21 de julho, às 8h30. A Imagem 1 mostra o momento em que paramos durante a viagem e registramos a nossa ida ao 3EMALyC.

Imagem 1 - Registro da nossa delegação durante uma parada na ida para Brasília.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Descemos do ônibus direto para o credenciamento no Centro Comunitário Athos Bulcão na UNB. Ali, eu, Júlia, Paolla e Mari nos juntamos à delegação de Minas Gerais, para na sequência, irmos todas juntas ao Restaurante Universitário (RU), tomar o nosso café da manhã. Contudo, tivemos que comer depressa para não perdermos o início da “Grande Marcha das Mulheres Latino Americanas e Caribenhas”.

A marcha das mulheres do tema “Pelos Direitos e Emancipação das Mulheres, por uma América Latina e Caribe Soberanos! Não à Intervenção Imperialista” abriu o 3EMALyC com um ato que começou na Biblioteca Nacional e foi até a Esplanada dos Ministérios, de 10 horas às 12 horas. No processo de pegarmos o ônibus para a marcha das mulheres, as mães do encontro foram avisadas que poderiam deixar seus filhos na creche para recreação, organizada por membros do MMOB na própria UNB durante os dias do encontro. O movimento de mulheres possui como uma de suas bandeiras de luta a garantia de creches populares para as mulheres, pois essa luta é necessária para o processo social de libertação das jovens e das mulheres trabalhadoras e para a garantia do direito das crianças à educação. Ao longo de todos os dias do 3EMALyC as mães que quisessem optar pela creche, poderiam deixar seus filhos até o final das atividades e participar assim de toda a programação do evento (Fotografia 2).

Fotografia 2 - Creche do 3MALyC.



Fonte: Tanajura, 2023.

Ao chegarmos na “Grande Marcha das Mulheres Latino Americanas e Caribenhas” (Fotografia 3) havia cerca de 1000 mulheres, dos 11 países presentes, ocupando a rua em frente ao Congresso Nacional num ato político memorável. Um carro de som estava à frente de uma multidão de mulheres que estavam atrás erguendo suas faixas, bandeiras e cartazes, todas unidas em prol de um objetivo comum: a plena emancipação das mulheres.

Fotografia 3 - Marcha das Mulheres.



Fonte: Tanajura, 2023.

Caminhei até encontrar um espaço vago e me juntei àquela manifestação grandiosa. Durante o trajeto, mulheres de todos os países fizeram suas falas políticas no carro de som. O restante das mulheres continuaram caminhando e gritando palavras de ordem em português e em espanhol, exemplo: “Alerta, alerta, alerta que camina. La lucha de las mujeres por la América Latina!”; “Se tem violência contra a mulher, a gente mete a colher!”; “Veja, veja, veja! Que coisa mais bonita. Mulher organizada, lutando pela vida!” (informação verbal)<sup>5</sup>.

Além das mulheres, estava presente também no ato o presidente da Unidade Popular, Leonardo Péricles, único candidato negro e socialista a presidência do Brasil em 2022. Em entrevista dada ao Jornal A Verdade<sup>6</sup>, Léo Péricles falou sobre a importância da atividade para a luta das mulheres a nível internacional. Além disso, pontuou que os homens também precisam participar ativamente dessa luta, mesmo entendendo que a luta contra o patriarcado deve ser protagonizada pelas mulheres. Uma vez que, o patriarcado utiliza-se dos homens como instrumento central de propagação da violência e da opressão sobre as mulheres. Logo, cabe também aos homens revolucionários terem consciência das pautas que o conjunto do movimento feminista levanta em nosso país e no mundo.

Também participaram da marcha a Iêda Leal, Secretária de Gestão do Sistema Nacional de Promoção de Igualdade Racial, representando o Ministério da Igualdade Racial e a Isis Taboas, Chefe de Gabinete, representando o Ministério da Mulher, que ao final receberam do Comitê Internacional Organizador do Encontro um manifesto escrito com reivindicações da luta das mulheres do Brasil e de toda América Latina e Caribe (Fotografia 4).

Fotografia 4 - Momento em que as representantes do governo recebem o manifesto do Comitê Internacional do Encontro.



Fonte: Tanajura, 2023.

Ao final, o ato parou no gramado da Esplanada dos Ministérios e nos preparamos para voltar à UNB. Seguindo o cronograma do dia, fomos almoçar e depois retornamos ao Centro Comunitário da UNB para a Plenária de Abertura. O local da Plenária era um espaço aberto e amplo, possuía uma tenda branca que nos protegia do sol e muitas cadeiras no plenário. Havia também um extenso palco com bandeiras e banners (Fotografia 5). A UNB foi um espaço de grande importância em 2023 para o movimento estudantil e para o

<sup>5</sup> Palavra de ordem proferida pelas manifestantes durante a Grande Marcha das Mulheres.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cu9qDCbOSZI/>>. Acesso: 16 de mar. 2025.

movimento de mulheres. Há cerca de uma semana antes do 3EMALyC, naquele mesmo local, havia sido o 59º Congresso da União Nacional dos Estudantes (CONUNE).

Fotografia 5 - Mesa de Abertura.



Fonte: Rodrigues, 2023.

Iniciando a primeira parte da mesa de abertura, cantamos o hino da classe trabalhadora, A Internacional Comunista (Fotografia 6). Todas aquelas mulheres de pé, com seus punhos cerrados, foi um momento realmente emocionante. Me senti profundamente imersa nas emoções daquele momento, me remeteu ali o sentimento de afetamento do qual Favret Saada traz em sua obra e então busquei fazer a minha etnografia daquela forma.

Fotografia 6 - A Internacional Comunista.



Fonte: Rodrigues, 2023.

Na mesa de abertura estavam convidadas importantes para a concretização do encontro. A primeira delas a falar foi Célia Watanabe, Coordenadora-Geral de Articulação dos Organismos de Políticas para Mulheres e das Entidades da Administração Federal, representando o recém criado Ministério das Mulheres; em seguida, Denise Carvalho, Secretária de Educação Superior do Ministério da Educação; Tânia Mara Francisco, Diretora de Desenvolvimento da Rede de Institutos Federais de Educação Superior; Márcia Abrahão, Reitora da Universidade de Brasília; Erika Kokay, Deputada Federal; E as representantes da Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, El Salvador, México, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela: Luz Eneida, Cecília Jaramillo Jaramillo, Indira Xavier, Ana Cristina, Maglin, Milagros, Ismene, Maria Rosário, Clara Flores e Glória Flecha.

A fala feita pela representante do Ministério das Mulheres foi em direção a situação de violação dos direitos das mulheres durante anos no país e agravados durante o governo Bolsonaro, onde a misoginia, a violência contra a mulher e outros ataques foram tolerados e estimulados. Para retomar e reconstruir o país, criou-se o Ministério das Mulheres, que tem em suas mãos uma tarefa árdua e importante. A representante do Ministério das Mulheres apresentou três eixos de trabalho do Ministério, sendo eles, o fortalecimento das relações institucionais, devido a grande extensão territorial do país, este eixo tem atuação nas relações federativas, institucionais, tanto com os governos estaduais e municipais. Para o Ministério, o diálogo com os movimentos de mulheres feministas também é importante.

As outras frentes de trabalho estão relacionadas a estruturação do Ministério, passa pelo enfrentamento à violência contra a mulher, como a ampliação dos organismos de segurança pública, a patrulha Maria da Penha, a criação de novas Casas da Mulher Brasileira que são equipamentos públicos de acolhimento, proteção e assistência às mulheres vulneráveis e vítimas de violência. O outro eixo é o da atuação do Estado brasileiro no fortalecimento da autonomia econômica das mulheres e a incidência da política do cuidado, que é a política que trata na questão da democratização das ações do cuidado, hoje centralizadas na vida das mulheres.

Outro aspecto dito foi o da articulação institucional do Ministério, à ampliação da participação das mulheres em todos os espaços de poder e de decisão. De tal forma que, a população feminina faz parte de mais da metade da população brasileira e está perpetuamente em menor quantidade nesses espaços. Existem somente duas governadoras nas 27 unidades federativas brasileiras, uma no Rio Grande do Norte e outra em Pernambuco (2023). Portanto, para chegar a metade da presença de mulheres nos parlamentos municipais, estaduais e federal, que atualmente é de 16% a 18%, falta muito. Dessa forma, é importante que as mulheres disputem cada vez mais os espaços políticos, se assenhoreando das lutas, para que possamos avançar e reverter essa situação.

Posteriormente, na fala de Márcia Abrahão, a primeira e atual reitora da UNB, homenageia a história de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, os dois criadores da UNB, que sofreram duramente na ditadura militar do Brasil e possuem suas histórias entranhadas no campus. Um lugar que além de ser lindo é também repleto de história e significado. A reitora falou também sobre a desigualdade de gênero existente dentro das universidades. Apesar de Brasília ter a maioria de mulheres na graduação, pós-graduação, entre as técnicas e aproximadamente o mesmo número entre os docentes, a medida em que se vai avançando durante a carreira acadêmica e científica, infelizmente o número de mulheres em postos chave tanto de gestão como de carreira acadêmica científica diminuem. Existem muitos desafios a serem enfrentados e nesse sentido a UNB deu início a discussão de política para as mães na universidade. Márcia Abrahão afirma que em breve a UNB terá uma creche pública e um centro de pesquisa aplicado à primeira infância.

A primeira parte das apresentações da Plenária de Abertura será finalizada aqui com alguns pontos trazidos por Maria Lúcia Fattorelli, auditora-fiscal aposentada da Receita Federal e fundadora da organização Auditoria Cidadã da Dívida. Maria Lúcia contou que esteve presente na auditoria da dívida do Equador, em um movimento que foi capaz de anular 70% da dívida externa em títulos que estavam na mão de banqueiros, que tiveram que concordar com a anulação, por causa das fraudes documentadas durante o processo de auditoria.

No Brasil, ela afirma, que a auditoria está prevista na Constituição Federal e até hoje não foi realizada. O seu movimento, Auditoria Cidadã da Dívida, luta para que a auditoria seja feita desde os anos 2000. Já conseguiram a CPI da Câmara Federal, a CPI da Câmara Municipal de Belo Horizonte, investigações, contatos, porém a auditoria oficial ainda não avançou. Para Maria Lúcia Fattorelli, nós só iremos conquistá-la quando as mulheres abraçarem essa luta, pois as mulheres são quem lutam por seus direitos e lutam acima de tudo contra a fome, a miséria, a falta de acesso à educação pública e por saúde de qualidade para toda a sociedade. Assim, para que tenhamos essa conquista justa, e fiquemos livres dos ajustes fiscais, do teto de gastos (presente no novo arcabouço fiscal), das contrarreformas, que adiam e subtraem os nossos direitos, temos que enfrentar o sistema da dívida. “A nossa luta, é todo dia! Somos mulheres e não mercadoria!”; “Sien mujeres, sien mujeres. ¡No hay revolución! Abajo el patriarcado y toda forma de opresión!” (informação verbal).<sup>7</sup>

Devido a barreira da língua, foi solicitado que as falas fossem feitas mais devagar para que todas as companheiras pudessem entender. Esse tipo de barreira linguística já era esperado para esse evento. Em consequência disso, a organização do encontro garantiu que tivesse uma equipe de mediadores que traduzisse tudo. Essa equipe tradutora era parte de um projeto de extensão da faculdade de Letras da UNB, e se prontificou a fazer a mediação entre as línguas durante todo o encontro. Eles ficaram ao lado da mesa principal, todos vestidos de camisa preta. Caso a dificuldade para entender estivesse muita, poderia levar a mão que alguém da equipe iria até a pessoa para ajudar ou então poderia entrar pelo link de transmissão, enviado aos grupos das delegações do Whatsapp, que estariam fazendo a tradução simultânea por lá. “Se cuida! Se cuida! Se cuida imperialista! A América Latina vai ser toda socialista!” (informação verbal).

A segunda parte da mesa de abertura, foi a vez das representações dos países falarem. Para essas mulheres feministas marxistas a luta das mulheres sempre existiu, somos herdeiras dos exemplos de grandes mulheres lutadoras e revolucionárias que nos guiam em nosso caminho pela verdadeira emancipação das mulheres e dos povos: Olga Benario, Dandara dos Palmares, Helenira Resende, Marielle Franco, Dolores Cacuango, Irmãs Mirabal, Juana Azurduy, Celia Sanchez, Gabriela Mistral, India Catalina, Policarpa Salavarrieta,

---

<sup>7</sup> Palavras de ordem puxadas pelo plenário em alguns momentos.

Prudencia Ayala, Petra Herrera, Micaela Bastidas e Ana Soto. E continuaremos honrando a memória dessas mulheres que foram vanguardas na luta por nossa libertação.

Todos os países ali presentes enfrentam realidades comuns, seja na política, na economia, mas principalmente no aumento da violência de gênero, que é a face mais cruel do patriarcado sobre nós, mulheres. Por isso, se faz necessário e urgente a realização de jornadas de luta para avançarmos nas políticas públicas de prevenção e combate a todas as formas de violência contra as mulheres.

Devemos conquistar leis e órgãos governamentais que garantam a segurança, a proteção e a preservação da vida humana diante de qualquer tipo de violência. Mesmo com os avanços conquistados até hoje, a legislação sobre os direitos das mulheres ainda não é suficiente. Não apenas porque o que está escrito na lei não garante sua aplicação na realidade, mas porque enquanto as mulheres não tiverem acesso à moradia, à creches, enquanto seu trabalho não for bem remunerado e forem subordinadas ao trabalho doméstico e ao cuidado de crianças, idosos e doentes, não haverá igualdade para elas. Portanto devemos continuar determinadas a destruir o capitalismo e sua opressão para construir uma sociedade socialista (Fotografia 7).

Fotografia 7 - Plenária de Abertura.



Fonte: Coelho, 2023.

Durante a fala de Indira Xavier, coordenadora Nacional do MMOB, representante do Brasil na mesa, foi acompanhada de muita animação do plenário do início ao fim. Ela agradeceu as companheiras da República Dominicana que sediaram o 1º EMALyC, um encontro que fortaleceu e consolidou a luta e organização das mulheres da América Latina e do Caribe. E depois agradeceu as companheiras do Equador, que em 2018 também aceitaram o desafio e receberam todas com muito carinho, organização e entusiasmo. A surpresa com o aceite dos países para que o Brasil fosse o 3º país a sediar o encontro foi algo, aparentemente inesperado, mas muito bem quisto pelo comitê organizacional brasileiro. Porém, o que não se contava era com uma pandemia, que se instaurou na conjuntura mundial e obrigou o nosso povo a ficar debaixo de uma situação de perversidade desse sistema. Foi preciso então ocupar as ruas em solidariedade às mulheres e para derrubar o fascismo. Ao final ela reiterou que durante os próximos dois dias deveríamos nos concentrar em apresentar as nossas bandeiras de lutas e sair do Encontro avançando rumo a uma agenda construída coletivamente com o compromisso de todos os países e movimentos presentes, para que não haja nem um minuto de silêncio enquanto existir mulheres, crianças e meninas sendo violadas, assassinadas e passando fome nesse sistema capitalista.

Luz Eneida Mejia, representante da República Dominicana, celebrou os 8 anos desde o 1º EMALyC na República Dominicana. Segundo a fala de Luz, os tantos acontecimentos políticos na América Latina e no Caribe durante esses anos, tiveram a organização política das mulheres como decisivos em cada um deles. Na luta pela garantia dos direitos, da democracia, pela liberdade de todo continente e pela construção de uma sociedade realmente igualitária.

Posteriormente, Cecília Jaramillo, do Equador, saudou também o sucesso do 2º EMALyC em Quito, dizendo que foram 540 delegadas internacionais e 1300 delegadas de 20 das 24 províncias do Equador presentes. Uma delegação que representou grande diversidade de organizações do movimento de mulheres, mulheres jovens, sindicalistas, trabalhadoras autônomas, as chefes de família, as desempregadas, as imigrantes, de diferentes orientações sexuais, identidades de gênero e também as da esquerda revolucionária. Ela afirma que esse encontro significou a ratificação do 1º Encontro, tão importante na República Dominicana;

Jaramillo também disse que podemos ter 100 ministras, 100 reitoras, mas que enquanto existir a exploração sexista das mulheres, enquanto existir a exploração das trabalhadoras e dos pobres, não poderá haver igualdade entre as mulheres. Sem o fim das classes sociais, não poderá haver nenhuma mudança social. Por isso temos que lutar conjuntamente, ligadas profundamente pela emancipação das mulheres e pela libertação dos nossos povos.

E continua dizendo que o 2º Encontro, também se realizou no campus da Universidade Central do Equador. Igual a UNB, duas universidades públicas e laicas, mas que na verdade ainda não são gratuitas e democráticas. Nesse sentido, não são universidades do povo, e portanto temos que chegar a isto, para que a educação seja plenamente do povo. Porém, de qualquer forma se fazem espaços democráticos como esse e contamos com autoridades que abram as portas para que as mulheres possam discutir com tranquilidade.

De 2018 a 2023, foram mais de 4 milhões de mulheres despedidas de seus empregos a pretexto de golpes, empobrecimento e das crises do capitalismo. A maioria dos pobres na América Latina e Caribe são mulheres, e é nesse sentido que temos que trabalhar. Temos que afirmar nosso caráter rebelde, revolucionário e insurgente e abrir as portas deste encontro a mais mulheres, mulheres dos bairros, do campo e as não organizadas. Porque a transformação não pode ser feita por um grupo pequeno de pessoas, fazem-se os povos e como parte dos povos, as mulheres. Portanto, podemos dizer que o 2º Encontro foi um passo positivo e importante e que agora é muito mais, seguiremos crescendo cada vez mais até que esteja vinculado ao movimento de mulheres revolucionário, patriótico e rebelde da América Latina, uma corrente incontida que não se pode parar. Pois quando as mulheres se levantam não há forças que as podem parar. Com essa força e decisão, ela afirma que trabalharemos neste 3º Encontro. “Se ve, se siente, Ecuador está presente!”, “Sem mulheres, sem mulheres, não há revolução. Abaixo ao patriarcado e toda forma de opressão!” (palavras de ordem).

Após a maioria das falas, a apresentação foi interrompida, para que pudéssemos jantar. O restante das apresentações ficariam para o início da plenária do segundo dia. A noite pudemos ir ao alojamento e nos arrumar para a Cultural, no Ceubinho (UNB).

Chegando no alojamento, havia muitos quartos, bem grandes e com muitos beliches. O local onde ficamos chama Minas Tênis Clube, um ginásio de esportes com os alojamentos na sua parte de trás. Os demais alojamentos foram distribuídos de acordo com as idades, as idosas ficaram nos locais mais confortáveis. Apesar de ter considerado o nosso local bastante agradável, nada chique, mas confortável, o suficiente para podermos descansar e tomar banho ao longo dos demais dias que estavam por vir. O banheiro era um vestiário comum de ginásio, haviam vários chuveiros, alguns sem água quente, o que trazia mais emoção a experiência. Na fila para o banho a preferência era dada às mulheres com filhos que optaram por ficar conosco. O clima entre todas nós era calmo, fraterno e solidário. Me senti bem durante esse primeiro contato e assim se seguiu durante os demais dias.

Depois, para que eu pudesse ter uma experiência completa do encontro, fui com algumas mulheres que animaram, do alojamento, à atividade cultural que aconteceu em um local chamado Ceubinho, na UNB. O local do nosso alojamento era bem próximo a universidade, o que facilitou bem o nosso deslocamento durante os dias. Conseguimos pegar nesse primeiro dia só o final de uma apresentação cultural, devido ao atraso por ter escolhido tomar banho antes, algumas de nós não conseguiram ver muita coisa naquele dia, as culturais aconteciam após as atividades da tarde, e consistiam em um momento de apresentações artísticas voltadas para a valorização da nossa cultura popular (Fotografia 9). As culturais também foram espaços de vendas e feirinha, as mulheres puderam montar suas barraquinhas para a venda de camisetas, artesanatos, adesivos, livros e arte em geral (Fotografia 8). “Ousar, valorizar, nossa cultura popular!” (informação verbal).

Fotografia 8 - Banquinha de livro.



Fonte: Sampaio, 2023.

Fotografia 9 - Apresentação Cultural.



Fonte: Tanajura, 2023.

A atividade se encerrou às 22h, e então fomos para o alojamento descansar, pois o segundo dia começaria cedo.

Levantamos, no 2º dia, por volta das 7h, reunimos toda a bancada de Minas Gerais e nos organizamos para as atividades do dia. Tomamos o café da manhã, no Restaurante Universitário da UNB, e depois fomos para o Centro Comunitário. Do Centro Comunitário Athos Bulcão, fomos às salas de debate (Fotografia 10).

O meu tema escolhido foi "Violência contra a mulher". Na sala, o grupo ultrapassou 60 mulheres, por isso tivemos que nos dividir em dois grupos. Apesar da divisão, o grupo ficou com 47 mulheres de 4 países: Brasil, República Dominicana, Equador e Argentina; Do Brasil estavam presentes mulheres dos estados de Minas Gerais, Maranhão, Ceará, Amazonas, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe, Rondônia e Rio Grande do Sul. O que demonstra a urgência e a necessidade das mulheres em debater este tema.

Em todos os países, as mulheres expressaram a gravidade da situação da violência em seus países, sobretudo após a pandemia que agravou a situação de violência, com o corte de investimento no enfrentamento à violência, mas também na saúde, na educação e em diversas áreas essenciais para as condições de vida das mulheres, mas também de todo o povo. E em todos os países, as mulheres foram as primeiras a encabeçar as lutas contra as desigualdades e as negligências dos governos reacionários.

Fotografia 10 - Grupo de debate.



Fonte: Torres, 2023.

A fala das participantes do grupo deixa claro que o sistema de justiça é falho, as leis que existem são muito importantes e são produto da luta das mulheres. Contudo, com frequência não se fazem efetivas em sua aplicação, as mulheres por vezes são revitimizadas e desacreditadas. Os equipamentos de proteção questionam os crimes por motivação de gênero, levando as mulheres a desistirem de recorrer à justiça. Embora os países possuam os recursos para lidar com essa situação, a decisão de investimentos dos governos, não priorizam a vida das mulheres. As leis já conquistadas são muito importantes e vamos seguir lutando para que as políticas de enfrentamento à violência sejam efetivamente aplicadas pelo Estado.

Nesse sentido, percebe-se que a violência é estrutural, o capitalismo lucra com a exploração e a opressão de mulheres e das minorias sociais. As violências se expressam de múltiplas formas, pela violência doméstica, que possui como última consequência o feminicídio. Mas também pela violência do Estado, que se omite perante as condições das mulheres, pela fome, pela pobreza, pela falta de acesso à educação, pela luta de direitos básicos. Dessa forma, a luta em comum a todos os países se unem pelo enfrentamento e pela superação desse sistema, que se utiliza das opressões para manter-se super explorando a classe trabalhadora, e triplamente as mulheres, que sofrem com a questão de gênero, de classe e racial, e ainda há uma quarta, no caso das mulheres trans.

A luta, portanto, é a única alternativa. O fascismo, expressão mais cruel do capitalismo, segue avançando em toda América Latina com governos reacionários, retira direitos da classe trabalhadora, conseqüentemente das mulheres que constituem mais da metade da classe trabalhadora, promove e mantém a miséria dos pobres em prol do enriquecimento de uma minoria exploradora. As mulheres do mundo sempre estiveram na linha de frente das diversas emancipações sociais importantes e são fundamentais na conjuntura atual.

As violências sofridas pelas mulheres são comum a todas as mulheres da América Latina e Caribe, e os povos dos diferentes países encontram diferentes formas de luta, a exemplo das ocupações de moradia de mulheres se mostraram um importante espaço de acolhimento, mas também de formação em que as mulheres organizadas coletivamente cumprem com suas próprias mãos as condições de vida e de luta. Sendo assim, grandes enfoques de poder popular, denunciando as limitações do estado capitalista e desgastando-o, enquanto apresenta para a classe trabalhadora uma alternativa popular de organização. As casas de acolhidas do Equador e do Brasil são iniciativas de movimentos de mulheres que inspiram a luta contra a violência e pelo ressarcimento de seus direitos. Nessas casas as mulheres são recebidas com seus filhos e com esse trabalho elaboram seus próprios projetos de vida.

Além disso, os encontros nacionais de mulheres que acontece na Argentina à 36 anos são a espinha dorsal enquanto movimento de mulheres no país, e todos os anos reúne milhares de mulheres de todo o país que compartilham suas vidas e lutas, de onde surgem iniciativas importantíssimas da conquista de direitos, como por exemplo, a interrupção voluntária da gravidez, entre outros. E construindo lutas em movimentos de mulheres como na República Dominicana onde as questões sociais são resolvidas coletivamente e não tratadas como problemas individuais.

Em conclusão, as mulheres latinoamericanas e caribenhas estão em situação de emergência. As mulheres não aguentam mais violência e feminicídio. Dessa forma, reivindicam a destinação do orçamento de políticas públicas do Estado necessário a cada país para políticas de prevenção diante as ameaças da direita fascista de retirar os nossos direitos. Por fim, elaboramos coletivamente um documento com os principais pontos discutidos pelo grupo e decidiu-se que os dois grupos do tema "Violência contra a mulher" lessem suas relatorias

durante a Plenária Final do encontro. Assim, foi escolhida uma oradora de cada país para fazer a leitura de um parágrafo por vez do documento durante a Plenária Final.

Após os debates temáticos em grupo, almoçamos e fomos ao Centro Comunitário novamente, para que o restante das representantes dos países que ainda não haviam falado durante a Plenária de Abertura pudessem enfim se apresentarem e fazerem seus discursos. Finalizadas a parte das apresentações, fomos para o Restaurante Universitário jantar, e no final quando todas as mulheres já haviam terminado suas refeições, fomos para uma centralização do MMOB, no jardim ao lado do refeitório, em que a Indira Xavier (Fotografia 11) e outras lideranças do movimento, puderam nos falar um pouco sobre os desdobramentos do encontro até então.

Fotografia 11 - Centralização.



Fonte: Rodrigues, 2023.

Em seguida, fomos informadas das atrações que haveria na Cultural do dia e fomos caminhando direto para lá, passando pelos jardins da UNB até chegar ao Ceubinho. Durante o percurso, fomos agraciadas pela beleza da biodiversidade do cerrado, pelas lindas árvores, algumas frutíferas, como no caso da jaqueira que encontramos, bem como, os floríferos ipês. O animal que melhor pude observar, foi a coruja buraqueira, que escavam seus ninhos em forma de buracos no solo e durante o dia e o cair da noite saem para caçar seus alimentos.

Na metade do caminho, fomos surpreendidas pela fanfarra feminista de Brasília, Maluvidas (Fotografia 12), um grupo com multi instrumentistas, super animado, que nos acompanhou até o espaço Ceubinho, onde continuaram seu show carnavalesco, representando lindamente a nossa cultura popular brasileira. Durante a atividade, tivemos ainda um microfone aberto, para quem quisesse mostrar um pouco de sua arte. E nesse dia, consegui aproveitar um pouco mais da atividade cultural, podendo olhar com mais calma a feirinha e ajudar também nas vendas das banquinhas de Minas Gerais. A arte e a cultura também são instrumentos de resistência das mulheres e da história do povo trabalhador. Durante o 3º Encontro de Mulheres da América Latina e Caribe foram inúmeras as apresentações culturais que animaram as mulheres participantes do Encontro e resgataram a cultura e a história dos territórios. Quando foi 22h, a cultural foi encerrada, retornamos aos nossos alojamentos e cada um seguiu para suas beliches para descansar pro terceiro e último dia do Encontro das Mulheres da América Latina e do Caribe.

Fotografia 12 - Grupo de fanfarra Maluvidas.



Fonte: Tanajura, 2023.

Iniciamos o terceiro e último dia de encontro, com muita energia! Após fazermos nossas refeições pela manhã, nos dirigimos ao local da Plenária Final. O último dia pela manhã foi marcado pela exposição das propostas aprovadas pelos 16 grupos temáticos que ocorreram no segundo dia. As expositoras eram de vários países e contribuíram para uma construção coletiva de pautas e de lutas, a serem encaminhadas para os próximos anos na região. Além disso, as propostas foram aprovadas no plenário por unanimidade.

Logo depois, houve uma dinâmica em grupo que envolveu todas as mulheres do plenário. Ao som de “Ciranda da Rosa Vermelha”, de Elba Ramalho, fizemos uma pequena coreografia que levanta os braços e girava junto com o corpo para representar uma rosa e no final formava uma grande roda e fazia um caracol de mãos dadas de fora para dentro e de dentro para fora da roda.

Além disso, houve uma linda homenagem de Vivian Mendes, Presidente da Unidade Popular de São Paulo e membro da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, à Cristina Cabib, Mães da Praça de Maio (Argentina), Maria das Graças, militante do Partido Comunista Revolucionário que lutou contra a Ditadura Militar brasileira, Guita Marly, percussora na construção do Movimento de Mulheres Olga Benario, e Ñasaindy Barrett (Filha de Soledad Barrett, morta e desaparecida no Brasil em 1973).

O plenário se emocionou quando Ñasaindy Barrett declamou uma poesia em português e espanhol deixada pela sua mãe que dizia:

Mãe, me entristece te ver assim/ O olhar quebrado dos teus olhos azuis céu em silêncio/ Implorando que eu não parta/ Mãe, não sofras se eu não voltar/ Me encontrarás em cada moça do povo, desse povo, daquele, daquele outro/ Daquele próximo, daquele longínquo/ Talvez cruze os mares, as montanhas, os cárceres, os céus/ Mas Mãe, eu te asseguro, que sim, me encontrarás/ De cada criança feliz, de um jovem que estuda, de um camponês em sua terra, de um operário em sua fábrica/ Do traidor na forca, do guerrilheiro em seu posto/ Sempre, sempre me encontrarás/ Mãe, não fique triste, tua filha te ama. (Soledad Barrett)

Por fim, no encerramento do 3EMALyC foi feita a leitura da Declaração Final do 3º Encontro de Mulheres da América Latina e do Caribe, pelo Comitê Preparatório Internacional, a fim de aprovar as tarefas e diretrizes que guiarão a luta das mulheres na América Latina e Caribe nos próximos anos. Dessa forma, as propostas aprovadas pelo plenário foram:

1. Que nossos países nacionalizem suas riquezas naturais, combatendo o saqueio e a exploração imperialista, desenvolvendo amplas jornadas de suspensão do pagamento da dívida pública e que os montantes sejam investidos em saúde, educação, moradia, infraestrutura e assistência social, dando aos nossos povos e mulheres uma vida digna e com direitos sociais;

2. Lutar pelo aumento geral dos salários, assim como pela igualdade salarial entre homens e mulheres. Além de garantir empregos bem remunerados e com seguridade social para as quatro milhões de mulheres desempregadas na região;

3. Organizar campanhas e ações para congelar os preços dos artigos básicos para a vida, contendo assim a escalada da inflação;

4. Realizar uma ampla campanha nacional em combate à violência contra as mulheres e por mais investimentos para acabar com a cultura de violência que vitimiza mais de 4.400 mulheres a cada ano em toda a América Latina;

5. Lutar contra qualquer ameaça de fascismo, militarização e golpes de Estado em nossos países. Exigir a punição dos crimes políticos cometidos contra a classe trabalhadora, contra as mulheres, os ativistas políticos perseguidos, desaparecidos, encarcerados, torturados e assassinados pelo Estado e pelos governos autoritários, fascistas, militares e golpistas, de ontem e de hoje;

6. Lutar pela autonomia do corpo das mulheres, com uma ampla campanha pela legalização do aborto, que seja legal, seguro e para todos os países da América Latina e do Caribe;

7. Lutar contra a prostituição e o tráfico de pessoas. Garantir o acesso ao emprego das mulheres submetidas à exploração sexual;

8. Lutar pelos plenos direitos das mulheres migrantes;

9. Abolição de todas as leis que subordinam a mulher ao homem;

10. Dia continental para a suspensão do pagamento da dívida pública aos organismos financeiros internacionais; auditoria imediata de todas as dívidas;

11. Dia continental pelo direito à creche e à educação de todas as crianças.

Além disso, foi divulgado para nós o próximo país a sediar o 4º Encontro de Mulheres da América Latina e Caribe, que será a Argentina, no ano de 2026.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema deste trabalho, “Etnografia do 3º Encontro de Mulheres da América Latina e Caribe” surgiu da oportunidade de viajar para o encontro em Brasília, nos dias 21 a 23 de julho de 2023. Essa experiência serviu como base para pesquisar como, por quem e com que finalidade o evento se organiza.

Também conhecemos um pouco sobre a história do MMOB, sua ligação e sua importância para a concretização do 3EMALyC. Assim como o contexto político em que o encontro se deu. Além disso, 3EMALyC contou com a participação de 11 países e de várias mulheres unidas sob o lema: “Pelos direitos das mulheres e por uma América Latina e Caribe soberanos. Não à intervenção imperialista”.

Nesse sentido, busquei registrar o encontro através de fotos, vídeos, áudios e anotações no caderno de campo o máximo possível, a fim de escrever uma etnografia próxima do que foi vivenciado no encontro por mim e pelas outras mulheres. A partir da minha vivência enquanto uma pessoa feminista e organizada no MMOB. A fim de registrar uma descrição detalhada dos acontecimentos mais relevantes, por meio da observação participante que pudesse a partir disso delinear como foi experienciar o encontro numa esfera que não fosse apenas pessoal, mas também coletiva.

Nesse sentido, o objetivo foi participar das relações entre as mulheres no campo, perceber qual o caráter político do encontro e das mulheres que o compuseram. Entendendo quais são suas lutas, visões políticas e econômicas da realidade. Que por fim resultou por entender a complexa relação entre o capitalismo e a opressão/exploração das mulheres, em um contexto onde os países possuem realidades semelhantes, principalmente em relação a violência contra a mulher em seus territórios.

### REFERÊNCIAS

Movimento de Mulheres Olga Benario. **Cartilha do Movimento de Mulheres Olga Benario**. 2 ed. Brasil: dez., 2017, p.25. Disponível em: <<https://averdade.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Documento-29-MMOB-CARTILHA-DO-MOVIMENTO-DE-MULHERES-OLGA-BEN%C3%81RIO.pdf>>. Acesso em 18 de mar. 2025.

Movimento de Mulheres Olga Benario. **Cartilha do Movimento de Mulheres Olga Benario**. 3 ed. Brasil: set., 2021, p. 4.

PLATAFORMA DO BRASIL. **Declaração Final do 3º Encontro de Mulheres da América Latina e do Caribe**. Brasília, 2023. Disponível em: <<https://averdade.org.br/wp-content/uploads/2023/07/Plataforma-do-Brasil-Declaracao-Final-do-3o-Encontro-de-Mulheres-da-America-Latina-e-do-Caribe.pdf>>. Acesso em 26 de fev. 2025.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**, in E.O. Nunes (org.) A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, p. 36-46.

SAADA, F. J.. **Ser afetado**. Caderno de campo, n.13, 2005.

COELHO, Manuelle. **Creche do 3EMALyC**. 2023. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/165119889@N02/53066656525/in/album-72177720309973409>>. Acesso em 17 de mar. 2025.

TANAJURA, Isabella. **Marcha das Mulheres.** 2023. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/165119889@N02/53065495822/in/album-72177720309973409>>. Acesso em 17 de mar. 2025.

TANAJURA, Isabella. **Momento em que as representantes do governo recebem o manifesto do Comitê Internacional do Encontro.** 2023. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/165119889@N02/53066474090/in/album-72177720309973409>>. Acesso em 17 de mar. 2025.

RODRIGUES, Layane. **Mesa de abertura.** 2023. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/165119889@N02/53068599482/in/album-72177720309973409>>. Acesso em 17 de mar. 2025.

RODRIGUES, Layane. **A Internacional Comunista.** 2023. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/165119889@N02/53069682813/in/album-72177720309973409>>. Acesso em 17 de mar. 2025.

COELHO, Manuelle. **Plenária de Abertura.** 2023. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/165119889@N02/53066215338/in/album-72177720309973409>>. Acesso em 17 de mar. 2025.

SAMPAIO, Donavan. **Banquinha de livro.** 2023. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/165119889@N02/53068718327/in/album-72177720309973409>>. Acesso em 17 de mar. 2025.

TANAJURA, Isabella. **Apresentação Cultural.** 2023. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/165119889@N02/53069261321/in/album-72177720309973409>>. Acesso em 17 de mar. 2025.

TORRES, Camila. **Grupo de debate.** 2023. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/165119889@N02/53069344549/in/album-72177720309973409>>. Acesso em 17 de mar. 2025.

RODRIGUES, Layane. **Centralização.** 2023. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/165119889@N02/53068599557/in/album-72177720309973409>>. Acesso em 17 de mar. 2025.

TANAJURA, Isabella. **Grupo de fanfarra Maluvidas.** 2023. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/165119889@N02/53069455934/in/album-72177720309973409>>. Acesso em 17 de mar. 2025.